



Entre as arboviroses, a dengue é a que mais preocupa o Ministério da Saúde. Os casos da doença aumentaram 339,9% em relação ao ano passado.

O primeiro Levantamento Rápido de Índices de Infestação pelo **Aedes aegypti** (LIRAA) de 2019 indica que 994 municípios brasileiros apresentam alto índice de infestação do mosquito, com risco de surto para

dengue, zika e chikungunya

. Os resultados foram divulgados pelo Ministério da Saúde nesta terça-feira (30).

Ao todo, 5.214 municípios realizaram algum tipo de monitoramento do mosquito transmissor dessas doenças. Os locais com risco de surto representam 20% do total. O levantamento identificou ainda a porcentagem de imóveis com a presença do mosquito nos municípios. Os resultados mostraram que 2.160 cidades apresentaram índice de infestação predial (IPP) entre 1% e 3,9%.

Os dados reforçam a importância do combate ao transmissor. “Esses resultados indicam que é preciso fortalecer ainda mais as ações de combate ao mosquito transmissor, com a participação da população e de todos os gestores locais e federal”, disse o secretário de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde, Wanderson Kleber.

Dengue

Entre as arboviroses – dengue, zika e chikungunya -, a dengue é a que mais preocupa o Ministério da Saúde. A incidência dos casos de da doença aumentou 339,9% em relação ao mesmo período do ano passado. De acordo com o último boletim, até o dia 13 de abril, foram notificados 451.685 casos prováveis de dengue e 123 mortes foram confirmadas – 186,3% mais do que no mesmo período de 2018. A incidência, que considera a proporção de casos em relação ao número de habitantes, tem taxa de 216,6 casos/100 mil habitantes.

Os Estados em situação mais preocupante, por apresentarem alta incidência da doença – maior que 100 casos por 100.000 habitantes – são: Tocantins (799,2 casos/100 mil hab.), Mato Grosso do Sul (697,9 casos/100 mil hab.), Goiás (630,8 casos/100 mil hab.), Minas Gerais (585,3 casos/100 mil hab.), Acre (514,6 casos/100 mil hab.), Espírito Santo (406,9 casos/100 mil hab.), São Paulo (349,1 casos/100 mil hab.), Distrito Federal (302,7 casos/100 mil hab.), Paraná (138,8 casos/100 mil hab.) e Mato Grosso (100,5 casos/100 mil hab.)

Apesar disso, Wanderson Kleber, secretário de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde afirmou que o Brasil “não está em situação de epidemia, embora possa haver epidemias localizadas em alguns municípios e estados”.

A dengue é transmitida pelo mosquito *Aedes aegypti*, que aproveita a água parada para colocar seus ovos e se proliferar. Na maioria dos casos, a infecção não apresenta sintomas. Quando eles surgem, os mais comuns são febre alta (acima de 38,5°C), dores musculares intensas, mal estar, falta de apetite, dor de cabeça, manchas vermelhas no corpo e dor ao movimentar os olhos. Em casos graves – que incluem dor abdominal intensa e contínua, vômitos persistentes e sangramento de mucosas – há risco de morte.

Chikungunya

Segundo o boletim, até 13 de abril, foram registrados 24.120 casos de **chikungunya** – uma redução de 36,3% em comparação com o mesmo período de 2018 -, sem óbitos confirmados.

A febre chikungunya, como também é conhecida, é transmitida pela picada dos mosquitos *Aedes aegypti*

e do

Aedes albopictus

. Segundo a

[Fundação Oswaldo Cruz](#)

, a circulação do vírus foi identificada no Brasil pela primeira vez em 2014. Entre os sintomas da doença estão: febre alta, dores nas articulações dos pés e mãos, dedos, tornozelos e pulsos. Em alguns casos ainda pode ocorrer dor de cabeça, manchas vermelhas na pele e dores nos músculos.

Zika

O levantamento informou ainda que o registros de zika foram maiores que no ano passado: 3.085 casos prováveis em 2019, contra 3.001 no mesmo período de 2018. Apesar disso, não foram notificadas mortes pela doença.

O zika é um **arbovírus**, ou seja, sua transmissão ocorre principalmente através de mosquitos, em especial pelo *Aedes aegypti*, mas também pode ser adquirido através do contato sexual e pela transfusão de sangue. Quando se manifesta em adultos, os sintomas duram alguns dias e são leves, incluindo erupções cutâneas, conjuntivite, dor nas articulações e febre leve.

No entanto, se a infecção acontece durante a gestação, a doença pode trazer sérias consequências para o bebê uma vez que pode causar microcefalia. O vírus também pode aumentar o risco do desenvolvimento da

síndrome de Guillain-Barré

– doença que leva o sistema imunológico a atacar os nervos e pode causar fraqueza muscular e paralisia.

Combate ao mosquito

A prevenção dessas doenças depende diretamente de impedir a proliferação do mosquito. Recomenda-se manter tonéis, caixas e barris de água bem fechados, trocar a água dos vasos de plantas uma vez por semana, manter garrafas de vidro e latinhas de cabeça para baixo e colocar pneus em locais cobertos.

Também é necessário eliminar qualquer possível criadouro como piscinas sem uso e sem manutenção e até mesmo recipientes pequenos como tampas de garrafas. Em locais com transmissão da doença, recomenda-se o uso de roupas que evitem a exposição da pele, repelentes, inseticidas e mosquiteiros para evitar a picada.

Essas ações devem ser realizadas durante o ano inteiro, especialmente no verão, que é a época mais propícia para a proliferação do mosquito.

Fonte: VEJA